

ENTRE O ANTES E O DEPOIS: MEMÓRIA, LUTO E CONTINUIDADE DA VIDA EM A BALADA DE TIM BERNARDES

BETWEEN BEFORE AND AFTER: MEMORY, GRIEF, AND THE CONTINUITY OF LIFE IN A BALADA DE TIM BERNARDES

ENTRE EL ANTES Y EL DESPUÉS: MEMORIA, DUELO Y CONTINUIDAD DE LA VIDA EN A BALADA DE TIM BERNARDES

Paulina Almeida Rodrigues¹

RESUMO: A *Balada de Tim Bernardes*, lançada no álbum *Mil Coisas Invisíveis* em 2022, articula a lembrança da avó a reflexões sobre tempo, amadurecimento, cuidado de si e continuidade da vida. Este ensaio tem como objetivo discutir as relações entre memória, luto, amadurecimento e continuidade da vida presentes na canção, articulando sua interpretação a uma experiência autobiográfica de escuta. Trata-se de um ensaio teórico-interpretativo, desenvolvido por meio da leitura integral da letra e de escutas reiteradas da obra, a partir das quais foram organizados três eixos: a memória da avó e a continuidade do vínculo; o tempo, o amadurecimento e a transformação; e o canto, o cuidado de si e a continuidade da vida. A reflexão dialoga com a perspectiva dos vínculos continuados, com a compreensão do luto como atividade interpretativa e comunicativa e com estudos sobre a participação da música na experiência cotidiana. A análise sugere que a memória da avó não se opõe à transformação daquele que continua vivendo, mas participa dela. O canto, por sua vez, não aparece depois da resolução dos conflitos, mas no interior das contradições entre memória, desejo, inquietação e mudança. Conclui-se que a canção permite refletir, no campo da saúde mental, sobre formas culturais de narrar a perda e sobre a possibilidade de continuar vivendo sem que isso implique apagar os vínculos com quem morreu.

Palavras-chave: Luto. Memória. Música. Saúde mental. Vínculos continuados.

¹ Discente do curso de Enfermagem na Universidade Federal do Maranhão.

ABSTRACT: *A Balada de Tim Bernardes*, released on the album *Mil Coisas Invisíveis* in 2022, links the memory of a grandmother to reflections on time, maturation, self-care, and the continuity of life. This essay aims to discuss the relationships among memory, grief, maturation, and the continuity of life in the song, articulating its interpretation with an autobiographical experience of listening. It is a theoretical-interpretive essay developed through a full reading of the lyrics and repeated listenings to the song, from which three interpretive axes were organized: the memory of the grandmother and the continuity of the bond; time, maturation, and transformation; and singing, self-care, and the continuity of life. The discussion draws on the perspective of continuing bonds, the understanding of grief as an interpretive and communicative activity, and studies on the role of music in everyday experience. The analysis suggests that the memory of the grandmother does not oppose the transformation of the person who goes on living, but takes part in it. Singing, in turn, does not appear after conflicts have been resolved, but within the tensions among memory, desire, restlessness, and change. The essay concludes that the song offers a way of reflecting, within the field of mental health, on cultural forms of narrating loss and on the possibility of continuing to live without erasing bonds with those who have died.

Keywords: Grief. Memory. Music. Mental health. Continuing bonds.

RESUMEN: *A Balada de Tim Bernardes*, lanzada en el álbum *Mil Coisas Invisíveis* en 2022, articula el recuerdo de la abuela con reflexiones sobre el tiempo, la maduración, el cuidado de sí y la continuidad de la vida. Este ensayo tiene como objetivo discutir las relaciones entre memoria, duelo, maduración y continuidad de la vida presentes en la canción, articulando su interpretación con una experiencia autobiográfica de escucha. Se trata de un ensayo teórico-interpretativo, desarrollado mediante la lectura integral de la letra y de escuchas reiteradas de la obra, a partir de las cuales se organizaron tres ejes: la memoria de la abuela y la continuidad del vínculo; el tiempo, la maduración y la transformación; y el canto, el cuidado de sí y la continuidad de la vida. La reflexión dialoga con la perspectiva de los vínculos continuados, con la comprensión del duelo como actividad interpretativa y comunicativa y con estudios sobre la participación de la música en la experiencia cotidiana. El análisis sugiere que la memoria de la abuela no se opone a la transformación de quien continúa viviendo, sino que participa en ella. El canto, a su vez, no aparece después de la resolución de los conflictos, sino en el interior de las contradicciones entre memoria, deseo, inquietud y cambio. Se concluye que la canción permite reflexionar, en el campo de la salud mental, sobre formas

culturales de narrar la pérdida y sobre la posibilidad de seguir viviendo sin que ello implique borrar los vínculos con quienes murieron.

Palabras clave: Duelo. Memoria. Música. Salud mental. Vínculos continuados.

INTRODUÇÃO

A primeira vez que ouvi *A Balada de Tim Bernardes*, procurava refúgio em *playlists* enquanto convivía com a ausência de minha avó. Cinco anos haviam transcorrido desde sua morte, mas sua presença permanecia reconhecível nos ensinamentos, nas lembranças e em modos de cuidado que eu ainda encontrava em minha própria vida. Quando a canção começa com a imagem de uma avó que reaparece em sonho, seguida pela recordação de sua voz e do espaço doméstico associado a ela, aquela narrativa encontrou uma experiência que eu ainda procurava compreender. Não porque a avó da canção pudesse representar a minha, mas porque a obra oferecia uma forma de pensar algo que me acompanhava: a morte havia produzido uma ausência, sem necessariamente encerrar a relação (BERNARDES T, 2022).

Lançada em 2022 no álbum *Mil Coisas Invisíveis*, *A Balada de Tim Bernardes* parte da memória da avó e se desloca para reflexões sobre tempo, amadurecimento, cuidado de si, desejo e canto. A lembrança não permanece isolada no início da composição. Ela integra uma narrativa

3

que se dirige ao presente e ao futuro, enquanto o eu lírico procura compreender as mudanças da vida adulta e sua própria experiência de continuar vivendo (BERNARDES T, 2022). A perspectiva dos vínculos continuados oferece uma primeira possibilidade de aproximação desse movimento. Silverman PR e Klass D (1996) questionam a compreensão segundo a qual a elaboração do luto dependeria necessariamente do rompimento da relação com quem morreu. A permanência do vínculo pode assumir outras formas ao longo da vida, envolvendo lembranças, influências e modos simbólicos de relação. Para este ensaio, essa perspectiva permite pensar a memória da avó não apenas como retorno ao passado, mas como relação que continua adquirindo sentidos enquanto aquele que recorda também se transforma.

Essa permanência, contudo, não possui significado único. Hewson H, et al. (2024) identificaram, na literatura sobre vínculos continuados, experiências de conforto e sofrimento, além de dimensões de identidade relacional e espiritualidade. A continuidade da relação, portanto, não será tomada aqui como necessariamente benéfica ou prejudicial, mas como uma possibilidade cuja significação depende das experiências e dos contextos nos quais se constitui.

A construção de sentidos para a perda também ultrapassa uma dimensão exclusivamente individual. Neimeyer RA, et al. (2014) compreendem o luto como processo interpretativo e comunicativo socialmente situado, no qual os sentidos da perda são produzidos nas relações pessoais e familiares e também em contextos comunitários e culturais. Sob essa perspectiva, a canção pode ser compreendida como uma produção cultural na qual memória, ausência e transformação se tornam narráveis.

É também nesse ponto que a experiência autobiográfica de escuta participa do ensaio. Ela não é utilizada como confirmação do significado da obra nem como experiência representativa de outras pessoas enlutadas. Explicita o lugar a partir do qual a interpretação se desenvolveu. Essa aproximação encontra apoio em DeNora T (2000), cuja discussão sobre práticas musicais cotidianas permite examinar como a música pode estar implicada na constituição de si e na experiência pessoal.

Diante disso, este ensaio tem como objetivo discutir as relações entre memória, luto, amadurecimento e continuidade da vida em *A Balada de Tim Bernardes*, articulando a interpretação da canção à experiência autobiográfica de escuta e aos referenciais sobre vínculos continuados, construção narrativa do luto e música na vida cotidiana.

Sustenta-se que a memória da avó não se opõe à transformação daquele que continua vivendo, mas participa dela. Ao aproximar a permanência do vínculo das inquietações do amadurecimento e do gesto recorrente de cantar, a canção permite pensar uma continuidade que não depende do apagamento da perda nem da resolução completa das contradições da vida adulta. O canto não aparece depois que os conflitos foram resolvidos; acontece no interior deles.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este texto constitui um ensaio de natureza teórico-interpretativa, construído a partir da leitura de *A Balada de Tim Bernardes*, faixa do álbum *Mil Coisas Invisíveis*, lançado em 2022 (BERNARDES T, 2022). A canção foi tomada como obra artística a partir da qual se desenvolve uma reflexão sobre memória, luto, amadurecimento, continuidade dos vínculos e experiência musical.

O percurso interpretativo envolveu a leitura integral da letra e escutas reiteradas da canção, com atenção às recorrências temáticas, aos deslocamentos da narrativa e às relações estabelecidas entre diferentes momentos da obra. A análise concentrou-se predominantemente

no texto verbal e no modo como seus temas se articulam. Não foi realizada análise musicológica de elementos como harmonia, melodia ou estrutura técnica da composição; as escutas tiveram a função de apreender a obra em sua unidade e acompanhar a recorrência do canto no desenvolvimento da narrativa.

A partir desse processo, foram organizados três núcleos interpretativos: a memória da avó e a continuidade do vínculo; o tempo, o amadurecimento e a transformação; e o canto, o cuidado de si e a continuidade da vida. Esses núcleos foram postos em diálogo com referenciais sobre vínculos continuados, dimensão narrativa e social do luto e música na experiência cotidiana (SILVERMAN PR e KLASS D, 1996; HEWSON H, et al., 2024; NEIMEYER RA, et al., 2014; DENORA T, 2000).

A experiência autobiográfica de escuta também integra o percurso interpretativo. As lembranças relacionadas à própria avó são empregadas de forma situada, com a finalidade de explicitar o lugar de onde a obra foi encontrada e interpretada. Não se pretende estabelecer equivalência entre a experiência pessoal e aquela narrada na canção, tampouco utilizar a autobiografia como evidência destinada a determinar seu significado.

As leituras apresentadas, portanto, não buscam reconstruir intenções do compositor nem estabelecer interpretações definitivas. Trata-se de uma leitura possível, orientada pela própria organização da canção e pelo diálogo com os referenciais selecionados.

Por se tratar de ensaio teórico-interpretativo, sem coleta de dados com participantes, o texto não envolve pesquisa com seres humanos.

Uma presença que muda de forma: memória da avó e continuidade do vínculo

A Balada de Tim Bernardes começa com um despertar provocado por um sonho. A primeira imagem apresentada é a da avó sorrindo, seguida pela lembrança de sua voz, da sala, dos quadros e dos cristais. A pessoa que morreu não surge apenas como informação pertencente ao passado. Ela é evocada por meio de elementos concretos que conferem densidade à lembrança e aproximam aquilo que foi vivido da experiência presente daquele que recorda (BERNARDES T, 2022).

Essa construção permite aproximar a abertura da canção da perspectiva dos vínculos continuados. A morte modifica a relação, mas não exige que todas as formas de ligação com a pessoa falecida sejam eliminadas. Recordar uma voz, reconhecer sua influência ou conservar

determinadas referências pode fazer parte das formas pelas quais uma relação continua sendo significada posteriormente. A permanência, nesse caso, não corresponde à conservação intacta do que existiu, mas à possibilidade de o vínculo assumir novas formas (SILVERMAN PR e KLASS D, 1996).

Os versos seguintes constroem a avó por meio de referências aos “mistérios do planeta” e ao “dom da natureza de se transformar”. Mais do que determinar um significado específico para essas imagens, interessa perceber a associação estabelecida entre a personagem e a transformação. Essa ideia ganha nova dimensão quando a morte é apresentada pela expressão “mudou de plano”. A formulação pode admitir leituras espirituais, metafóricas ou simplesmente poéticas; o aspecto decisivo para a análise é que a morte passa a integrar o mesmo campo semântico da transformação que já caracterizava a avó (Bernardes, 2022, seção “Lyrics”).

A revisão de Hewson H, et al. (2024) ajuda a preservar a complexidade dessa relação. Os vínculos continuados podem comportar conforto e sofrimento, bem como dimensões relacionadas à identidade e à espiritualidade. Dessa forma, não é necessário classificar previamente a presença da memória como saudável ou problemática. Na canção, interessa observar como a relação permanece atuante na narrativa e se articula aos movimentos posteriores daquele que continua vivendo.

Neimeyer RA, et al. (2014) permitem ampliar essa leitura ao compreenderem o luto como experiência que envolve produção e comunicação de sentidos. Recordar alguém que morreu implica também narrar essa pessoa e reorganizar seu lugar na história daquele que permanece. Sob essa perspectiva, a canção pode ser compreendida como uma forma cultural de narrar uma relação transformada pela morte.

Foi nesse ponto que minha experiência de escuta encontrou maior proximidade com a obra. Em minha própria história, a memória de minha avó permaneceu particularmente ligada ao cuidado e ao incentivo aos estudos. Com o passar dos anos, algumas dessas lembranças deixaram de significar apenas ausência e passaram também a participar da maneira como compreendo determinados caminhos que escolhi seguir. Essa aproximação não significa equivalência entre as duas experiências. Revela, antes, como uma obra pode encontrar histórias anteriores e suscitar novas maneiras de interrogá-las.

A experiência autobiográfica não funciona, portanto, como chave explicativa da canção. Ela evidencia que a escuta ocorre a partir de uma trajetória concreta e que os sentidos produzidos no encontro com uma obra também dependem daquilo que o ouvinte traz consigo.

Há ainda um movimento decisivo na primeira parte da canção. Depois de recordar a avó e fazer referência à morte, a narrativa dirige-se àquilo que ainda pode ser vivido. Surge a orientação para encontrar um modo de ser aquilo que se sonha e, imediatamente depois, o convite ao canto. A memória da pessoa que morreu não encerra a narrativa; ela participa de uma abertura em direção ao futuro (BERNARDES T, 2022).

Por isso, a figura da avó não precisa ser compreendida como símbolo de um passado que impede a mudança. A própria maneira como é apresentada a vincula à transformação. Recordar e mudar deixam, então, de constituir movimentos necessariamente opostos. A questão passa a ser como alguém continua se transformando quando aquilo que recebeu das relações anteriores também participa da pessoa em que está se tornando.

Entre o antes e o depois: tempo, amadurecimento e transformação

Depois da evocação da avó, a canção desloca-se para a experiência daquele que permanece. O foco passa ao tempo e às inquietações relacionadas ao tornar-se adulto. A vida adulta aparece inicialmente sob o signo da desconfiança, enquanto a temporalidade deixa de ser apresentada como sucessão simples entre passado, presente e futuro. O tempo é descrito como algo “todo junto”, e o presente aparece como encontro entre o antes e o depois (Bernardes, 2022, seção “Lyrics”).

Essa imagem é central para o argumento do ensaio. Se a avó pertence a uma relação anterior que continua sendo evocada, o passado não aparece como lugar definitivamente encerrado. Ele participa do presente, ao mesmo tempo que aquilo que ainda não aconteceu já comparece na forma de projetos, desejos e expectativas (BERNARDES T, 2022).

A compreensão do luto como processo de construção de sentidos ajuda a pensar esse movimento. O significado de uma relação não precisa permanecer idêntico ao longo do tempo. Novas experiências podem modificar a maneira como alguém compreende aquilo que viveu, quem perdeu e a própria pessoa em que se tornou. Assim, o passar dos anos não corresponde simplesmente ao aumento da distância em relação à morte; pode também produzir novas formas de significar uma relação (NEIMEYER RA, et al., 2014).

Essa questão atravessou minha experiência de escuta. Quando encontrei a canção, cinco anos já haviam transcorrido desde a morte de minha avó. Eu também já não ocupava o mesmo lugar de antes. Algumas lembranças que inicialmente estavam fortemente ligadas à ausência começaram a ser compreendidas em relação às escolhas, aos valores e às mudanças ocorridas em minha própria trajetória. O interesse dessa experiência para o ensaio está menos em seu conteúdo particular do que na pergunta que suscita: como aquilo que recebemos de uma relação continua adquirindo novos sentidos enquanto nós mesmos mudamos?

A canção apresenta essa mudança como processo ainda em curso. O eu lírico expressa o desejo de recuperar a felicidade, cuidar de si e voltar a sonhar. Pouco depois, a transformação aparece articulando passado, presente e futuro: algo já mudou, algo continua mudando e algo ainda poderá mudar (BERNARDES T, 2022).

Essa formulação encontra ressonância na primeira parte da canção. A avó havia sido associada à transformação; agora, aquele que a recorda também se reconhece transformando-se. Não é necessário afirmar uma relação causal entre essas passagens, mas sua proximidade permite perceber, nesta leitura, a transformação como tema que articula diferentes momentos da narrativa (BERNARDES T, 2022).

A continuidade dos vínculos, nesse contexto, não significa repetição. A pessoa que permanece pode modificar sua relação com quem morreu à medida que também modifica a compreensão de si. A memória passa a integrar uma identidade que não está pronta e que continua sendo produzida (HEWSON H, et al., 2024).

Essa instabilidade aparece igualmente nos modos pelos quais o eu lírico fala da própria vida. Ele manifesta desejos, mas frequentemente os acompanha de hesitação. Quer ser mais calmo, voltar a sonhar, aproveitar a vida e tentar novamente, mas essas intenções não são apresentadas como conquistas definitivas (BERNARDES T, 2022). A continuidade da vida aparece, assim, menos como chegada do que como tentativa.

A canção complica ainda mais esse movimento ao introduzir preocupações com a saúde, pressa, necessidade de resolver tarefas e dificuldade de alcançar a paz desejada (BERNARDES T, 2022). O amadurecimento não conduz a um estado de equilíbrio permanente. Permanecer presente, cuidar de si e mudar convivem com inquietações que continuam abertas.

Nesse sentido, seria insuficiente organizar a narrativa segundo uma oposição entre sofrimento e superação. Memória, desejo, inquietação e transformação coexistem. O “antes”

não desapareceu, enquanto o “depois” ainda não se realizou completamente. É nesse intervalo que a vida acontece.

E é também nesse intervalo que o canto insiste em retornar.

Por que não cantar?: música, cuidado de si e continuidade da vida

O canto atravessa *A Balada de Tim Bernardes* desde os primeiros momentos. Depois da evocação da avó e da referência à morte, a pergunta sobre por que não cantar passa a reaparecer ao longo da composição. Sua recorrência acompanha diferentes situações: a memória da pessoa que morreu, as reflexões sobre a vida adulta, os desejos de mudança e as inquietações cotidianas (BERNARDES T, 2022).

Esse movimento impede que cantar seja associado apenas a momentos de resolução ou bem-estar. O refrão retorna depois das reflexões sobre o tempo e também depois das declarações sobre cuidar de si, voltar a sonhar e continuar mudando. Mais tarde, reaparece em meio à pressa, às preocupações e à tentativa de finalmente alcançar tranquilidade (BERNARDES T, 2022). O canto não espera que os conflitos terminem.

É nesse ponto que a discussão de DeNora T (2000) se torna especialmente produtiva. Ao examinar práticas musicais cotidianas, a autora permite compreender a música como material cultural implicado na constituição de si e na experiência pessoal. Para este ensaio, importa menos atribuir à música um efeito determinado e mais observar o lugar que ela ocupa dentro da experiência narrada.

A própria canção dificulta qualquer leitura simplificada do canto como resolução. O sujeito declara estar cuidando de si, mas continua preocupado; deseja calma, mas se percebe apressado; procura organizar tudo para finalmente alcançar paz, mas percebe que o ponto de chegada se afasta continuamente (BERNARDES T, 2022). Cuidado e inquietação não aparecem como fases sucessivas. Estão presentes ao mesmo tempo.

Nesse cenário, o canto pode ser compreendido como prática que acompanha a experiência em sua incompletude. Ele não elimina a contradição entre querer estar presente e continuar preocupado, nem resolve a relação com aquilo que passou. Integra a maneira pela qual essas experiências são colocadas em relação e narradas.

A parte final da composição amplia essa leitura quando a música passa a ser nomeada explicitamente como paixão e aparece vinculada a diferentes espaços, da intimidade cotidiana

ao palco e ao transporte público (BERNARDES T, 2022). A música deixa de aparecer apenas como estrutura da obra e passa também a integrar a maneira pela qual o eu lírico fala de si.

Ainda assim, a identidade apresentada não é estável ou inteiramente resolvida. O sujeito deseja simultaneamente diferentes dimensões da experiência, reconhece seus exageros e conserva certa ironia diante de si mesmo. O movimento corresponde ao restante da canção: desejo e hesitação permanecem lado a lado.

Quando as declarações sobre felicidade, calma, sonho e transformação retornam ao final, a repetição ganha novo sentido (BERNARDES T, 2022). O eu lírico fala sobre continuar vivendo enquanto canta. A própria canção passa, então, a realizar aquilo que narra: reúne lembrança, inquietação, desejo e transformação em uma forma compartilhável.

Foi também nesse aspecto que minha experiência encontrou a obra. A canção não eliminou a saudade nem ofereceu uma explicação para a perda. O encontro ocorreu porque permitiu reconhecer, em outra narrativa, a possibilidade de memória e continuidade coexistirem. Nesse sentido, a experiência musical não substituiu aquilo que havia sido vivido, mas ofereceu uma forma diferente de relacionar-se com determinadas lembranças.

É nessa direção que o ensaio se aproxima do campo da saúde mental. Não se pretende propor *A Balada de Tim Bernardes* como recurso terapêutico ou afirmar que cantar constitua intervenção sobre o sofrimento. O interesse está em reconhecer que produções culturais podem participar das formas pelas quais experiências difíceis recebem linguagem e são compartilhadas.

A canção torna perceptível uma vida em que a perda não está isolada de outras dimensões da existência. Ela convive com amadurecimento, preocupação, cuidado, desejo e tentativa. Nessa leitura, o canto não aparece depois que os conflitos foram resolvidos; acontece no interior deles. Cantar não assinala o fim do sofrimento, mas integra a maneira pela qual a experiência continua sendo vivida e narrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura desenvolvida neste ensaio permite compreender que a memória da avó não funciona, em *A Balada de Tim Bernardes*, como força que impede o movimento em direção ao presente ou ao futuro. Ela integra uma narrativa na qual recordar e transformar-se coexistem. A relação com quem morreu muda de forma ao mesmo tempo que aquele que permanece também se modifica.

A imagem da transformação atravessa esse percurso. Inicialmente associada à avó e à maneira pela qual sua morte é narrada, ela reaparece na experiência daquele que continua vivendo, deseja mudar e reconhece a própria mudança como processo ainda inacabado. A memória, nesse sentido, não constitui apenas vestígio do passado. Participa das formas pelas quais o presente é compreendido e o futuro pode ser imaginado.

Essa continuidade não conduz a uma resolução definitiva. Desejo de calma, cuidado de si, inquietação, sonho e incerteza permanecem lado a lado. O canto atravessa justamente essa coexistência. Não surge como recompensa depois que o sofrimento terminou, mas como parte da maneira pela qual a experiência continua sendo vivida e narrada.

A experiência autobiográfica de escuta reforça essa possibilidade sem pretender universalizá-la. O encontro entre minha história e a canção não tornou as duas experiências equivalentes. Mostrou, antes, como uma produção cultural pode adquirir novos sentidos quando encontra lembranças e questões já presentes na vida de quem a escuta.

Para o campo da saúde mental, a contribuição dessa leitura está menos em atribuir à música uma função terapêutica do que em reconhecer a importância das formas culturais pelas quais perdas, vínculos e sofrimentos adquirem linguagem. A canção torna perceptível uma experiência em que lembrar alguém que morreu, modificar-se e desejar continuar vivendo não precisam constituir movimentos incompatíveis.

11

Considerar essa complexidade pode contribuir para uma atenção menos orientada por expectativas rígidas sobre como uma pessoa deveria viver uma perda e mais aberta aos sentidos singulares que os vínculos podem adquirir ao longo do tempo. A permanência de uma relação não equivale necessariamente à impossibilidade de seguir adiante, assim como seguir adiante não exige necessariamente apagar aquilo que permanece.

Continuar, nesse sentido, não significa necessariamente deixar para trás. Pode significar transformar a relação com aquilo que permanece enquanto a própria vida continua se transformando.

CONFLITOS DE INTERESSES

O autor declara que não houve conflitos de interesse relacionados a este manuscrito.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Tim. A Balada de Tim Bernardes. In: BERNARDES, Tim. **Mil coisas invisíveis**. [S. l.]: Psychic Hotline, 2022. Faixa 12, 1 faixa de áudio (6 min 6 s). Disponível em: <https://timbernardes.bandcamp.com/track/a-balada-de-tim-bernardes>. Acesso em: 11 set. 2026.

DENORA, Tia. Music as a technology of self. In: DENORA, Tia. **Music in everyday life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 46-74. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511489433.004>.

HEWSON, Helen *et al.* The impact of continuing bonds following bereavement: a systematic review. **Death Studies**, v. 48, n. 10, p. 1001-1014, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/07481187.2023.2223593>.

NEIMEYER, Robert A.; KLASS, Dennis; DENNIS, Michael Robert. A social constructionist account of grief: loss and the narration of meaning. **Death Studies**, v. 38, n. 8, p. 485-498, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/07481187.2014.913454>.

SILVERMAN, Phyllis R.; KLASS, Dennis. Introduction: what's the problem? In: KLASS, Dennis; SILVERMAN, Phyllis R.; NICKMAN, Steven L. (ed.). **Continuing bonds: new understandings of grief**. Washington, DC: Taylor & Francis, 1996. p. 3-27.